

<p style="text-align: center;"><b>FAHIMTB</b></p>  <p style="text-align: center;">AHIMTB/RS ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA</p>	<h1>O TUIUTI</h1>	
<p><b>ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL</b></p>		
<p><b>200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN</b></p>		
<p><b>Ano 2012</b></p>	<p><b>05 DE JULHO</b></p>	<p><b>Nº 19</b></p>

**EDIÇÃO COMEMORATIVA AOS 90 ANOS DO INÍCIO DO MOVIMENTO TENENTISTA  
COM A REVOLTA DOS 18 DO FORTE DE COPACABANA**

**O MOVIMENTO TENENTISTA**

Luiz Ernani Caminha Giorgis

**1. INTRODUÇÃO**

O Movimento Tenentista, ou simplesmente Tenentismo, foi um conjunto de movimentos armados de inspiração política ocorridos no Brasil na década de 1920.

O Tenentismo foi assim chamado porque foi gerado entre a jovem oficialidade do Exército Brasileiro, ou seja, entre tenentes e capitães idealistas, que desejavam um Brasil melhor.

O Movimento Tenentista, no fundo, lutou contra as velhas instituições políticas representadas pela chamada República Velha. Esta, era a República contaminada pelas oligarquias agrárias, assentadas no poder dos “coronéis”, grande parte deles latifundiários. Estes poderosos controlavam o Congresso e a política, de uma maneira geral. Em seus estados de origem, principalmente Minas Gerais e São Paulo, suas famílias dominavam o processo político através do “voto de cabresto” e também das fraudes eleitorais. Tudo era válido, desde que o poder fosse mantido.

Foi o Tenentismo contra o Coronelismo.

Na época da chamada Política dos Governadores, fim do século XIX e início do século XX, a fraude eleitoral chegou aos níveis mais elevados do poder nacional. A chamada Comissão Verificadora de Poderes (CVP) tinha por missão verificar as Atas Eleitorais, localizar fraudes, proclamar os deputados e diplomá-los. Ora, a fraude eleitoral passou a ser feita pela própria Comissão.

Posteriormente, ocupou espaço na política nacional a denominada “Política do Café-com-Leite”, polarizada pelos estados de São Paulo (o café) e Minas Gerais (o leite).

Dentro desse quadro surgiu o fenômeno social e político do “Coronelismo”. Os “coronéis” eram antigos fazendeiros de grandes propriedades rurais que, há tempos idos, tinham sido coronéis da Guarda Nacional, sendo que esse título, muitas vezes, foi passado para seus filhos e netos, sucessores nos latifúndios.

Este quadro de circunstâncias foi alterado a partir da Primeira Guerra Mundial. O setor fabril experimentou um crescimento nunca visto, o que fortaleceu a burguesia industrial, a classe média urbana e o proletariado. Estes setores reclamavam a reforma eleitoral, a moralização das eleições e o voto secreto. Em outras palavras, estas faixas da população queriam participar do poder e estavam lutando por isso. O proletariado lutava, também, por melhores salários.

A este quadro de circunstâncias somou-se o Tenentismo, enquanto movimento reivindicatório de reformas sociais e políticas, baseado no caráter idealista de jovens oficiais do Exército, descontentes com a situação do país.

Conforme Fernando Henrique Cardoso, no texto das abas do livro de Edgard Carone “O Tenentismo” (Difel, São Paulo, 1975) a reiteração da necessidade de educação popular, o espírito antilivresco, a crítica à corrupção e o saque do patrimônio popular sob a proteção do Estado, entre outras, foram as bandeiras levantadas pelos “tenentes”.

Um dos pensamentos tenentistas era o seguinte:

***“Se as urnas mentem, que em seu lugar falem as armas”.***



Em âmbito geral, o movimento pode ser visto como uma manifestação da pequena burguesia, a qual experimentou uma ascensão após a 1ª Guerra Mundial, dentro do contexto do crescimento urbano e da insatisfação do operariado. Os militares seriam, assim, “segmentos dinâmicos do processo reivindicatório da classe média” (CARONE, Edgard, O Tenentismo, Difel, São Paulo, 1975, pág. 19).

A fase revolucionária do Movimento Tenentista foi desencadeado na madrugada de 4 para 5 de julho de 1922 no Rio de Janeiro, em três focos: um na Vila Militar, outro na Escola Militar do Realengo e o terceiro no Forte de Copacabana.

O objetivo deste trabalho é relatar os acontecimentos que mais projeção tiveram: a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana e a Revolta da Escola Militar do Realengo.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

O Movimento Tenentista desenvolveu-se durante a década de 1920, mas durou até depois da Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas, que chegou à Presidência da República com o auxílio dos “tenentes”, alijou-os do poder.

O Movimento iniciou-se através de lideranças que serviam na Escola Militar do Realengo. Inicialmente, os tenentes não se ligaram a nenhuma classe social ou política, embora suas propostas de reformas políticas e voto secreto fossem as mesmas da classe média, burguesia à frente.

Na verdade, além de se posicionarem contra as oligarquias dominantes, os tenentes acabaram se colocando, também, contra o Alto-Comando do Exército, acusado por eles de estar a serviço das oligarquias e, assim, conivente, ou partícipe, dos desmandos eleitorais e da manutenção de um sistema eleitoral altamente fraudulento.

Acreditavam os tenentes que, tomando o poder, poderiam acabar com a corrupção e “salvar o país”.

As características básicas do Tenentismo eram as seguintes:

- Ideal de salvação nacional (salvacionismo);
- Elitismo (a revolução caberia a um grupo e não ao povo);
- Nacionalismo mal definido (secundário);
- Centralização do Estado: reformas do ensino, eleitoral e tributária.

Toda a década de 1920 ficou marcada pelo Movimento Tenentista. O Movimento teve três fases: a primeira, de 1922 a 1927, a segunda com o exílio dos remanescentes da Coluna Miguel Costa/Prestes e a terceira, a agonia do Tenentismo. Ele foi iniciado com a Revolta do Forte de Copacabana (05Jul1922), a qual foi promovida contra a política do Café-com-Leite e contra a prisão do Presidente do Clube Militar, o ex-presidente da República Hermes da Fonseca.

Foram as seguintes as revoltas e revoluções tenentistas, depois da primeira, já citada:

- Revolta da Escola Militar de 05 de julho de 1922;
- Revolução de 1923 no RS, do opositor Joaquim Francisco de Assis Brasil contra as contínuas reeleições fraudulentas do governador Antonio Augusto Borges de Medeiros;
- Revolução de 1924 em São Paulo, promovida pelo General Isidoro Dias Lopes e pelo Major da Força Pública Miguel Costa, contra o governo Artur Bernardes;
- Revolta do Encouraçado São Paulo, no Rio (Novembro);
- Coluna do Capitão Luís Carlos Prestes, no RS (1924), contra as oligarquias;
- Coluna de Miguel Costa/Prestes (1924-a partir de Foz do Iguaçu), contra as elites dirigentes do país;
- Rebelião de Honório Lemes (no RS-Set1925), contra os governos federal e estadual;
- Rebelião dos tenentes Alcides e Nelson Etchegoyen em Santa Maria, RS (1926);
- Revolução de 1930, contra a política do café-com-leite.



**Líderes da Coluna Miguel Costa - Prestes**

Segundo fontes históricas diversas, o fim do Tenentismo foi em 1934, fim este aparentemente ligado à eleição de Getúlio Vargas pelo Congresso, como Presidente da República.

É óbvio que não somente tenentes e capitães formaram o Movimento Tenentista. Havia oficiais de patentes maiores que também aderiram ao Movimento, mesmo que veladamente.

Por outro lado, setores das oligarquias não-cafeicultoras também apoiaram o Tenentismo, sequiosas de obterem vantagens e parcelas de poder. Estas, lideraram a Revolução de 30, com o apoio armado dos tenentes. No Rio Grande do Sul, onde iniciou a Revolução com o ataque ao Quartel-General da 3ª Região Militar, os principais líderes tenentistas civis eram Osvaldo Aranha, Flores da Cunha, João Neves da Fontoura, Lindolfo Collor, Arlindo Pasqualini, Maurício Cardoso, Paim Filho e outros. Entre os militares, Góis Monteiro, João Alberto e outros.



Revolução de 30 – Getúlio Vargas (fardado) em sua passagem por Curitiba

Com a vitória de Getúlio Vargas na Revolução de 1930, os “tenentes” ocuparam cargos importantes no poder e procuraram dar ao governo, conforme Bóris Fausto, História do Brasil, Edusp, 2002, pág. 307 “*um rumo que promovesse seus objetivos*”, mas depois foram colocados de lado pelo mesmo governo Vargas.

É oportuno destacar o papel das agremiações políticas da época, a Aliança Libertadora e a Reação Republicana, rivais

na eleição para Presidente da República a partir de 1922, na qual confrontaram-se o mineiro Artur Bernardes e Nilo Peçanha. Nesta eleição as forças políticas, já previamente, “arranjaram” o sucessor de Bernardes, o paulista Washington Luís, o que revoltou os republicanos.

A Semana de Arte Moderna de 1922 foi, também, um vetor cultural de rompimento com o passado e um veículo do Modernismo, principalmente na Literatura.

### 3. CONCLUSÕES

O tenentismo foi, sobretudo, um movimento do Exército. Na verdade, a intervenção dos militares no processo político era comum aos países da América Latina. O Tenentismo, contra o Coronelismo, foi um dos episódios da revolução burguesa no Brasil. Antigamente, na pequena burguesia, conforme Nelson Werneck Sodré (O Tenentismo, Mercado Aberto, 1985) transitavam: “*duas instituições que teriam papel destacado em nossa formação histórica, a Igreja e o Exército...Se, com o passar dos tempos, declina o papel dos padres nas lutas políticas, o dos militares cresce*”

Ao lado da profissionalização, mormente com a influência da Missão Francesa de Instrução, os oficiais adquiriram uma concepção de sociedade e de poder. Na ânsia de salvar as instituições republicanas, prejudicadas pelas atitudes mal-sãs das oligarquias, os militares formaram grupos que pressionavam o governo. Eram os “salvacionistas”. Os tenentes adquiriram também um certo desprezo pela cúpula do Exército, criando um antagonismo dentro da Força Armada.

Os objetivos do Tenentismo eram, em si, modestos. Pretendia purificar o regime e “republicanizar” a República, conforme diziam os tenentes.

Mesmo identificados com as aspirações da classe média, os tenentes não digeriam, inicialmente, a idéia de eleições diretas nem de sufrágio universal, mas sim de uma solução “autoritária” (Bóris Fausto).

Entretanto, o Tenentismo ficou isolado dentro da Força Armada, ou seja, não conseguiu mobilizar o Exército em favor de sua causa, essencialmente conservadora. Mesmo assim, conseguiu atingir seus objetivos, a mudança, representada pela ascensão ao poder de Getúlio Dornelles Vargas, em 1930.

O programa da Revolução de 30 era o seguinte:

*“Trabalhar pelo engrandecimento do Brasil. Propagar a grandeza da brasilidade. Combater as preocupações de regionalismo. Pugnar pelas leis, pela justiça e pelo ensino. Obrigatoriedade do ensino primário. Ensino profissional gratuito. Gratuito ensino secundário. Cultura física. Só comprar o que for de produção genuinamente nacional, salvo quando não houver similar no país. Fazer propaganda contra as companhias estrangeiras. Combater o luxo”.*

O Movimento Tenentista, portanto, cumpriu o seu papel dentro do quadro político da época. Fez valer suas idéias e suas intenções. Estas, de caráter positivo e idealista, no anseio de um Brasil sanado dos vícios oligárquicos. Conforme Luiz Koshiba e Denise Pereira, História do Brasil, Atual Editora, 1991, pág. 286, *“na consciência conservadora militar, o Tenentismo permaneceu como marco inicial de um ciclo purificador, que se inicia em 1922 e se completa em 1964-1968”.*

Quanto à relação do Tenentismo com o Patrimônio Histórico, é necessário, inicialmente, relacionar a República Velha e o Tenentismo com o Positivismo.

Com efeito, conforme Daniela Meira Cotrim, *Portal do Governo de São Paulo*, Google, **“há ressonância do positivismo no movimento tenentista de 1922”**. Por outro lado, o historiador Ney Duclós diz que *“no século passado, os militares escolheram o positivismo como antídoto ao bacharelismo”*.

Assim, parece claro que o Positivismo foi o conteúdo, o Tenentismo foi a forma.

Entretanto, os tenentes não estiveram preocupados com o Patrimônio Histórico. Aparentemente, isso era secundário. A preocupação deles passava longe dos estilos de construção de prédios e monumentos. Porém, o pensamento político de Auguste Comte, este sim, era manuseado pelo Tenentes.

Há indícios, porém, de que a concentração urbana era combatida pelos tenentes, bem como o “saque” do patrimônio público.

Finalmente, o espírito tenentista de 1922 tinha embutido em si o ideal salvacionista que se refletiu em 1935, na luta contra a Intentona Comunista e em 1964 contra a ameaça de comunização do Brasil representada pelo governo João Goulart.



**Monumento aos mortos da Intentona Comunista de 1935 – Praia Vermelha, Rio de Janeiro**

### **Bibliografia**

- 1) Silva et Bastos, Francisco de Assis et Pedro Ivo de Assis, História do Brasil, Moderna, Rio, 1983;
- 2) Sena, Davis Ribeiro de, As Revoltas Tenentistas que Abalaram o Brasil, Ed. do Autor, Brasília, 2004;
- 3) Fausto, Bóris, História do Brasil, Edusp, São Paulo, 2002;
- 4) Koshiba et Pereira, Luiz et Denise Manzi Frayze, História do Brasil, Atual Editora, 5ª ed., São Paulo, 1987.
- 5) Sodré, Nelson Werneck, O Tenentismo, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1985.

## A REVOLUÇÃO DOS 18 DO FORTE DE COPACABANA

Luiz Ernani Caminha Giorgis

Na manhã do dia 05 de julho de 1922 os dois primeiros focos da revolta, Vila Militar e Escola Militar do Realengo, já tinham sido eliminados.

Restava o Forte de Copacabana. Neste, os preparativos tinham sido tomados com bastante antecedência. Trincheiras, redes de arame farpado, reabastecimento de alimentos para um mês, não liberação dos soldados, eletrificação da rede, preparação de sacos de areia, etc. O fator desencadeante da revolta dos tenentes do Forte de Copacabana foi o protesto contra a prisão do General Hermes da Fonseca pelo Presidente Epitácio Pessoa.

Em junho, o governo havia intervindo na sucessão estadual de Pernambuco e foi duramente criticado pelo Marechal Hermes da Fonseca, Presidente do Clube Militar. Em reação, Epitácio ordenou a prisão do marechal e o fechamento do Clube Militar, no dia 2 de julho de 1922.

A revolta dos tenentes não era somente contra Epitácio, mas também contra a posse de Artur Bernardes, presidente eleito.

O governo lançou sobre Copacabana batalhões do Exército e da Polícia Militar, além de dois encouraçados e hidroaviões da Marinha que bombardearam violentamente o Forte. O Capitão Euclides Hermes da Fonseca, filho do Marechal Hermes, comandante em exercício do Forte, foi chamado ao Palácio do Governo para parlamentar, mas foi preso, sendo então substituído por Siqueira Campos. Os tenentes tomaram então uma decisão: lutar, de peito aberto, até o fim.

Decisão tomada, o tenente Antônio de Siqueira Campos reuniu os companheiros. A Bandeira do Forte foi arriada, rasgada em 28 pedaços e distribuída aos revoltosos. Saíram do quartel às 1500 horas do dia 06 de julho, rumo ao Leme, para enfrentar as forças legais e, se possível, chegar ao Palácio do Catete, 28 militares: os tenentes Siqueira Campos, Eduardo Gomes, Newton Prado, Mário Tamarindo Carpenter, o Cabo Reis e os soldados Hildebrando Nunes, José Pinto de Oliveira, Manoel Antonio dos Reis, Pedro Ferreira de Melo e mais outros desconhecidos da Primeira Bateria Isolada da Artilharia de Costa. Octávio Correia, amigo civil de Siqueira Campos, uniu-se ao grupo à saída do Forte. Logo no início, o grupo de 28 reduziu-se à 18 mas, mesmo assim, dirigiu-se à Praça Serzedelo Corrêa, onde estavam postadas as forças governistas. Haviām percorrido boa parte da Avenida Atlântica, quando as tropas legais saíram da Praça para receberem a rendição dos revoltosos do Forte. Mas veio a surpresa: os revoltosos se entrincheiraram e abriram fogo contra os governistas, acontecendo então uma grande fuzilaria. O combate foi desigual. A superioridade numérica e de armas das forças legalistas era flagrante. O combate durou meia-hora. Os primeiros a tombar foram o soldado Pedro Ferreira de Melo, o civil Otávio Correia e o tenente Mário Carpenter. Morreram 16 revoltosos, alguns no hospital, em consequência dos ferimentos. Permaneceram vivos, embora muito feridos, os tenentes Siqueira campos e Eduardo Gomes.

### Iconografia

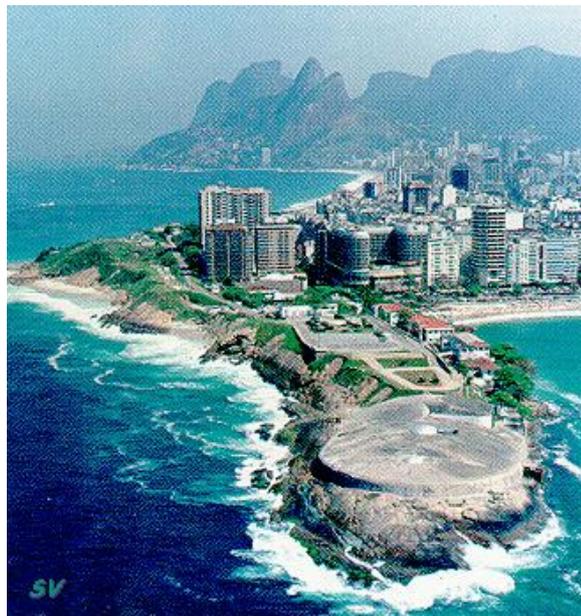


Tenentes Eduardo Gomes, Mário Carpenter, Nilton Prado, civil Otávio Correia e soldado anônimo, perpetuados no bronze (Avenida Atlântica, 06 de Julho de 1922).

### A Revolta dos 18 do Forte de Copacabana



Foto da frente do Forte de Copacabana



O Forte de Copacabana hoje



Epitácio Pessoa



**Artur Bernardes**



**Monumento ao Tenente Siqueira Campos e ao Movimento Tenentista, localizado na entrada do Forte de Copacabana**



Outro ângulo do Monumento aos "18 do Forte" de Copacabana, na Av. Atlântica, no calçadão central, quase esquina com a Rua Siqueira Campos, inaugurado em 5 de julho de 1974.

**"À PÁTRIA TUDO SE DEVE DAR, NADA PEDIR, NEM MESMO COMPREENSÃO "** (Siqueira Campos)



**Monumento aos 18 do Forte em Palmas, Tocantins**

## **CONCLUSÕES**

O tenentismo foi, sobretudo, um movimento do Exército. Na verdade, a intervenção dos militares no processo político era comum aos países da América Latina. O Tenentismo, contra o Coronelismo, foi um dos episódios da revolução burguesa no Brasil. Antigamente, na pequena burguesia, conforme Nelson Werneck Sodré (O Tenentismo, Mercado Aberto, 1985) transitavam: *“duas instituições que teriam papel destacado em nossa formação histórica, a Igreja e o Exército...Se, com o passar dos tempos, declina o papel dos padres nas lutas políticas, o dos militares cresce”*

Ao lado da profissionalização, mormente com a influência da Missão Francesa de Instrução, os oficiais adquiriram uma concepção de sociedade e de poder. Na ânsia de salvar as instituições republicanas, prejudicadas pelas atitudes mal-sãs das oligarquias, os militares formaram grupos que pressionavam o governo. Eram os “salvacionistas”. Os tenentes adquiriram também um certo desprezo pela cúpula do Exército, criando um antagonismo dentro da Força Armada.

Os objetivos do Tenentismo eram, em si, modestos. Pretendia purificar o regime e “republicanizar” a República, conforme diziam os tenentes.

Mesmo identificados com as aspirações da classe média, os tenentes não digeriam, inicialmente, a idéia de eleições diretas nem de sufrágio universal, mas sim de uma solução “autoritária” (Bóris Fausto).

Entretanto, o Tenentismo ficou isolado dentro da Força Armada, ou seja, não conseguiu mobilizar o Exército em favor de sua causa, essencialmente conservadora. Mesmo assim, conseguiu atingir seus objetivos, a mudança, representada pela ascensão ao poder de Getúlio Dornelles Vargas, em 1930.

A revolta dos 18 do Forte de Copacabana, início do movimento, teve a finalidade de alertar as autoridades para o que viria a seguir: um movimento reivindicatório maior, mais bem articulado, e de âmbito nacional, como foi a Coluna Miguel Costa/Prestes.

Outras revoltas tenentistas, em vários lugares do país, ocorreram, por exemplo:

- a Revolução de 1924 em São Paulo;
- a Revolução de julho de 1924 em Mato Grosso;
- a Revolução de julho/agosto de 1924 no Amazonas;
- a Conspiração do Engenho Novo, Rio de Janeiro, dezembro de 1924;
- a Revolta do 17º Batalhão de Caçadores, Corumbá, abril de 1925.

Diversos lugares de memória foram criados, com monumentos diversos, em alguns lugares do país, para rememorar os fatos. No Rio de Janeiro temos o monumento da Avenida Atlântica. Em Palmas, Tocantins, temos o monumento da página 5. Em Caxias do Sul, existe uma rua com o nome de 18 do Forte.

### **Bibliografia**

CARONE, Edgard. *O Tenentismo*, Difel, Rio 1975.

### **Fonte eletrônica**

Internet. Google, Monumentos aos 18 do Forte, 2007.

Editor

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel  
Presidente da AHIMTB/RS  
Vice-presidente do IHTRGS  
lecaminha@gmail.com